HTTPS://TRANSANARQUISMO.NOBLOGS.ORG/
TRANSANARK@ANCHE.NO

VIOLÊNCIA SACRIFICIAL E RETRIBUIÇÃO

CrimethInc.[1]

tradução por *acervo trans-anarquista*

Na análise a seguir, examinamos as reações a dois assassinatos extrajudiciais distintos como forma de entender as diferentes formas de violência que estão surgindo em nossa sociedade neste momento. No apêndice, apresentamos um resumo incompleto de várias respostas ao assassinato de Brian Thompson, CEO da UnitedHealthcare.

Quase todos os dias, mais de cinquenta pessoas são baleadas e mortas nos Estados Unidos. Em 4 de dezembro de 2024, uma delas foi Brian Thompson, CEO da UnitedHealthcare, a empresa de planos de saúde mais lucrativa do país. Nas semanas seguintes, todos nós ouvimos falar muito mais sobre esse CEO em particular do que sobre qualquer uma das centenas de outras pessoas baleadas e mortas neste mês. Ao mesmo tempo, houve uma onda de apoio ao ataque, apesar dos esforços das plataformas de mídia e empresários para suprimi-lo.

Em 13 de dezembro, o presidente eleito Donald Trump e o vice-presidente eleito JD Vance convidaram Daniel Penny para se juntar a eles no jogo de futebol americano do Exército e da Marinha - apenas porque ele havia

[1] Texto originalmente publicado em inglês no site *Crimethinc*, em 23 de dezembro de 2024. Disponível em: https://pt.crimethinc.com/2024/12/23/sacrificial-violence-and-retribution-comparing-the-killings-of-jordan-neely-and-brian-thompson. Tradução por *acervo digital trans-anarquista* em janeiro de 2025. Por questões práticas, os links associados a algumas palavras e eventos citados, mas que não foram agregados ao texto original como notas de fim de texto, não foram incluídas na tradução. Para localizá-los, é possível acessar o texto original.

assassinado aleatoriamente uma pessoa negra e foi absolvido.[2] Aqui, vemos algumas das figuras políticas mais poderosas do mundo tentando despertar o entusiasmo por execuções extrajudiciais - desde que elas tenham como alvo os marginalizados.

Precisamos entender a reação popular ao fuzilamento do CEO da UnitedHealthcare no contexto de uma sociedade em que a vida está cada vez mais precária. Depois que a extrema direita exaltou George Zimmerman e Kyle Rittenhouse; depois que milhões de pessoas participaram de uma revolta em todo o país exigindo que a polícia parasse de matar pessoas Negras e marrons[3], apenas para ver os políticos de todo o espectro político dobrarem o apoio à polícia, com a consequência de que a polícia continuou a assassinar pessoas em um ritmo cada vez mais acelerado; depois do apoio bipartidário ao genocídio em Gaza; depois de centenas de tiroteios em escolas, centenas de milhares de overdoses de opioides e milhões de mortes por COVID-19, sem mencionar as inúmeras mortes evitáveis resultantes dos setores de saúde e planos de saúde com fins lucrativos - é realmente tão surpreendente que uma pessoa tenha atirado em um executivo? O que é surpreendente é que, em quase todos os outros casos, os assassinos tiveram como alvo pessoas menos poderosas do que eles.

A decisão de Trump de receber Daniel Penny é um exemplo literal do ditado de Frank Wilhoit de que “Deve haver grupos internos que a lei protege, mas não restringe, ao lado de grupos externos que a lei restringe, mas não protege.” Em contraste, o fuzilamento do CEO da UnitedHealthcare sugere que a lei nem sempre pode proteger os grupos internos dos grupos externos. Mas essa não é apenas uma questão de violência direcionada aos de baixo na hierarquia social versus violência direcionada aos de cima. Estamos falando de duas *formas* de violência totalmente diferentes. Vamos chamá-las de *violência sacrificial* e *retribuição*.

[2] Quando o convidaram para o jogo de futebol americano, Penny tinha acabado de aparecer na Fox News descrevendo a “culpa” que ele “sentiria se alguém se machucasse” - deixando explicitamente claro que ele não considerava Jordan Neely um ser humano.

[3] N.T.: nos EUA, a categoria racial “brown” [marrom] se refere popularmente a árabes, indianos, podendo englobar também filipinos, latino-americanos, pessoas com ascendência proveniente do Oriente Médio e do sul asiático.

VIOLÊNCIA SACRIFICIAL

O que é violência sacrificial?

De acordo com René Girard, em *A Violência e o Sagrado*,

> A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar passando a seu alcance.

Girard faz parte de uma longa tradição de antropólogos europeus cujas especulações se resumem a uma série de histórias sobre a humanidade.[4] Mas não precisamos aceitar toda a sua estrutura para reconhecer do que ele está falando aqui:

> O sacrifício serve para proteger toda a comunidade de sua própria violência; ele leva a comunidade inteira a escolher vítimas fora dela mesma. Os elementos de discórdia espalhados por toda a comunidade são atraídos para a pessoa da vítima do sacrifício e eliminados, pelo menos temporariamente, por seu sacrifício.

A violência sacrificial, em suma, é um bode expiatório levado ao extremo do assassinato, funcionando como um meio ritualizado de preservar uma sociedade na qual há enormes tensões internas não resolvidas.

> Se não for saciada, a violência se acumulará até transbordar de seus limites e inundar a área ao redor. O papel do sacrifício é conter essa onda crescente de substituições indiscriminadas e redirecionar a violência para os canais "adequados".

E quem é o bode expiatório ideal?

> Todas as nossas vítimas sacrificiais [...] são invariavelmente distinguíveis dos seres não sacrificáveis por uma característica essencial: entre essas vítimas e a comunidade

[4] Por exemplo, Girard argumenta que o desejo surge de forma imitativa e que isso inevitavelmente provoca tensões violentas entre as pessoas, pois as leva a competir pelos mesmos objetos escassos. Pode-se argumentar que, embora algumas das coisas que as pessoas desejam estejam de fato sujeitas à escassez, o desejo imitativo também poderia dar origem à cooperação, produzindo abundância no lugar da escassez e diminuindo o ímpeto para a violência, sacrificial ou não. Em suma, Girard faz um trabalho convincente ao descrever o papel da violência sacrificial em sociedades aflitas, mas não consegue provar que ela é inevitável.

> falta um vínculo social crucial, de modo que elas podem ser expostas à violência sem medo de represálias. Sua morte não implica automaticamente em um ato de vingança. A importância considerável que essa liberdade de represália tem para o processo de sacrifício nos faz entender que o sacrifício é principalmente um ato de violência sem risco de vingança.

Essa equação explica por que os fanáticos comuns buscam seus alvos dentre os mais marginalizados - aqueles que *ninguém vai vingar*. Mas a estrutura de Girard vai além, mostrando como isso pode ajudar a proteger o estado em tempos de crise.

Talvez isso explique por que Trump conseguiu vencer a eleição de 2024 prometendo praticar violência gratuita contra pessoas sem documentos e pessoas trans. Realizar "a maior operação de deportação da história americana", como Trump prometeu explicitamente fazer, destruirá a economia dos EUA. Ela não trará nenhum ganho material para a grande maioria de seus apoiadores, que se beneficiam do trabalho mal pago dos indocumentados e do consequente barateamento das mercadorias. De uma perspectiva puramente econômica, explorar a mão de obra dos indocumentados dentro das fronteiras dos Estados Unidos oferece mais vantagens aos apoiadores de Trump do que deportá-los jamais poderia. Em qualquer medida, é um desperdício de recursos: deportar um milhão de pessoas em um ano custará dezoito vezes mais do que o mundo inteiro gasta anualmente em pesquisas sobre o câncer.

Em outras palavras, as deportações em massa são um luxo dispendioso que os partidários de Trump consideram que vale a pena gastar porque eles sentem a necessidade de violência tão intensamente.

O mesmo vale para o desejo de testemunhar a violência decretada - tanto judicial quanto extrajudicialmente - contra pessoas trans e contra mulheres em geral. A propaganda mentirosa que afirma falsamente que as pessoas trans estão realizando tiroteios em massa ou que os imigrantes sem documentação estão contribuindo para uma onda de crimes não é recebida pelo seu público-alvo como uma investigação estatística fria, mas sim como uma indulgência do seu desejo de violentar a própria verdade como um passo para violentar aqueles que eles imaginam que podem ser prejudicados "sem medo de represálias". Eles não foram enganados por reportagens errôneas; seu desejo de violência criou um mercado de falsidades.

Como argumentamos durante o primeiro governo Trump, Trump não se tornou popular por prometer redistribuir a riqueza, mas por prometer redistribuir a violência. Essa redistribuição da violência cria uma válvula de pressão para toda uma série de ressentimentos. Para citar Girard, mais uma vez:

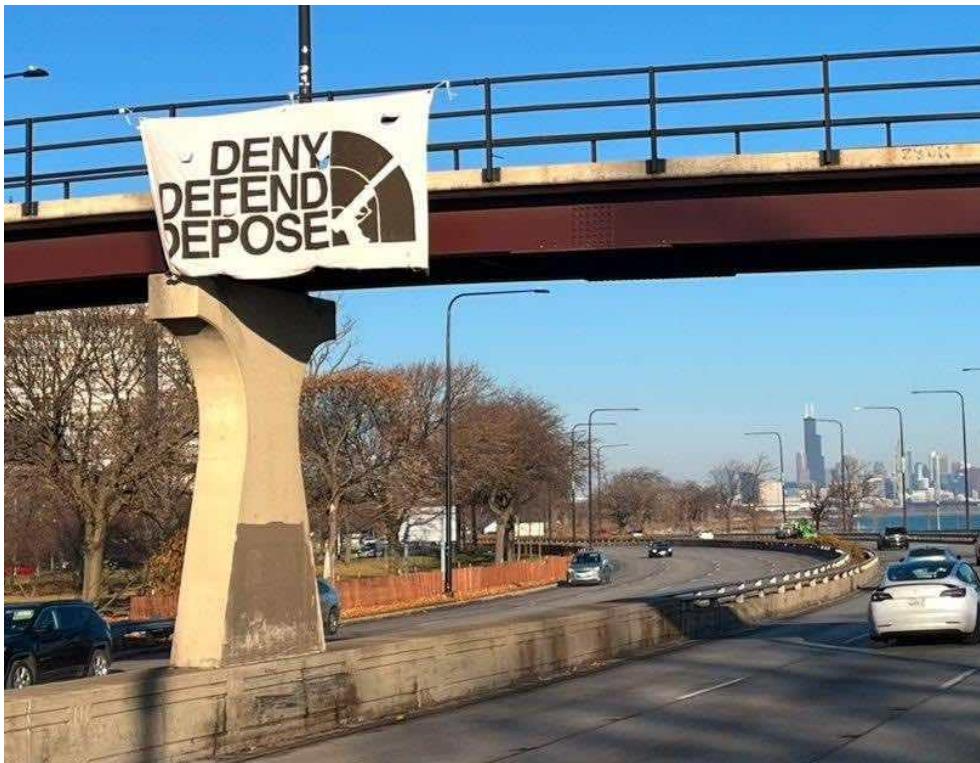
> O desejo de cometer um ato de violência contra aqueles que estão perto de nós não pode ser suprimido sem um conflito; portanto, devemos desviar esse impulso para a vítima sacrificial, a criatura que podemos derrubar sem medo de represálias, já que ela não possui um defensor.

Em primeiro lugar, por que as sociedades são levadas a desejar a violência sacrificial? Se for verdade que a violência sacrificial serve para canalizar a raiva para longe daqueles que a provocam, então podemos inferir que quanto mais injustiça houver em uma sociedade - quanto mais as pessoas forem oprimidas, exploradas e humilhadas por aqueles que têm mais poder e mais privilégios do que elas - mais forte será o impulso para a violência sacrificial.[5]

Isso nos leva de volta à decisão de Trump de homenagear Daniel Penny. Em uma época em que há uma raiva cada vez mais generalizada, o papel que a violência sacrificial desempenha, canalizando a violência para longe daqueles que são responsáveis pelo dano, é essencial para manter a estabilidade da ordem vigente. Este é o mundo de *Jogos Vorazes*, que se tornou real.

O que todas essas pessoas furiosas estariam fazendo se sua raiva não fosse saciada por meio da violência contra aqueles mais vulneráveis do que elas?

---

[5] Isso explica por que alguns dos novos eleitores que Trump conquistou na eleição de 2024 são imediatamente adjacentes aos dados demográficos que ele está prometendo atacar: posicionados perto das margens, na ponta receptora da injustiça, eles sentem a urgência da violência mais do que a maioria.

Uma faixa vista pendurada em Chicago sobre a Lake Shore Drive em 9 de dezembro de 2024.

RETRIBUIÇÃO

A retribuição é fundamentalmente distintas da violências sacrificial. Para seu alvo, ela busca a pessoa mais responsável por uma determinada injustiça, independentemente de sua posição na hierarquia social. Como regra geral, os maiores responsáveis pela injustiça geralmente estão entre aqueles que possuem mais poder - caso contrário, como teriam a oportunidade de causar tantos danos? Uma pessoa ordinária nos Estados Unidos tem muito mais a temer dos executivos de empresas do que dos imigrantes sem documentos.

São os poderosos que podem representar a maior ameaça: isso é praticamente auto-evidente, apesar dos esforços da mídia pertencente a bilionários e das plataformas de mídia social para humanizar os ricos e desumanizar os pobres.

Quando vemos as pessoas concentrando sua raiva naqueles que não têm poder em meio à pior desigualdade das últimas gerações, isso é um indicative de que foram enganadas.

É revelador o fato de que o movimento populista em torno do homem mais rico que já se tornou presidente dos Estados Unidos seja apresentado como uma "revolta contra as elites", mesmo quando mobiliza as pessoas para adorar oligarcas como Trump e Elon Musk. Não há mais como mobilizar as pessoas sem ao menos fingir que se está atacando algum subgrupo da classe dominante.

É aterrorizante perceber que seus inimigos são consideravelmente mais poderosos do que você. É muito mais fácil descarregar seus infortúnios naqueles que estão em situação ainda pior. Mais fácil - e totalmente sem inútil - e desprezivelmente covarde.

Os tiros contra o CEO da UnitedHealthcare despertaram uma resposta tão poderosa porque colocaram a questão de forma muito clara: a violência deve ser aplicada contra os mais vulneráveis - ou contra os mais responsáveis? O incidente atingiu milhões de pessoas porque, em todo o espectro político, todas elas entenderam que os aproveitadores de seguros são responsáveis pelo seu sofrimento ou pelo sofrimento de pessoas com as quais elas têm empatia. Justamente por ser legível como retribuição, o tiroteio mostrou que a injustiça está ocorrendo em grande escala.

Comentaristas no YouTube discutindo seus sentimentos sobre o assassinato do CEO da UnitedHealthcare.

[Leia-se na imagem:
@Onora619 1 dia atrás (editado)
Ele basicamente "vingou" a morte da minha mãe então como eu poderia não torcer por ele? Milhões de Americanos se sentem como eu.
> 13 respostas
@garrettolson5516 1 dia atrás
bump [mensagem de apoio]
@FRANKS$41 23 horas atrás
@Onora619 para mim foi meu pai. Te entendo]

Girard nos adverte contra a vingança, argumentando que um único ato de retribuição pode desencadear uma reação em cadeia:

> A vingança constitui um processo infinito, interminável. Quando a violência surge em um ponto qualquer da comunidade, tende a se alastrar e a ganhar a totalidade do corpo social, ameaçando desencadear uma verdadeira reação em cadeia. A multiplicação das represálias coloca em jogo a própria existência da sociedade.

No mínimo, isso colocaria em risco a própria existência *dessa* sociedade. É claro que uma sociedade na qual os capitalistas conseguem acumular bilhões explorando impiedosamente todos os demais - uma sociedade que só pode se manter estável se tiver cada vez mais pessoas como alvo da violência sacrificial - já oferece um certo grau de *risco*.

De fato, o que os capitalistas mais temem é que esse único ato de vingança *possa vir a envolver todo o corpo social*, que possa dar início a uma reação em cadeia. É por isso que Luigi Mangione, a pessoa acusada de atirar no CEO da UnitedHealthcare, está sendo acusado do mesmo crime em nível estadual e federal e, além disso, de terrorismo.

Girard está certo sobre os riscos da vingança? Podemos concordar que muitas pessoas têm crenças sinceras, mas errôneas, sobre quem é responsável por seu sofrimento, além da inclinação para a violência sacrificial que os poderosos procuram promover para sua própria proteção. Mas será que é melhor viver em uma sociedade na qual os poderosos podem provocar um número qualquer de mortes e sofrimentos àqueles que não têm poder, sem medo das consequências, até o genocídio total? Essa é realmente a melhor maneira de *proteger* a sociedade?

Também podemos concordar que é muito melhor resolver os conflitos de forma satisfatória para todas as partes do que cair em intermináveis disputas de sangue.[6] Mas o estado não existe de fato para resolver conflitos. O aparato judicial e as centenas de milhares de policiais que o servem existem para garantir que os conflitos não precisem ser resolvidos de forma satisfatória para todas as partes. Eles existem para impor resultados insatisfatórios às pessoas, quase sempre em benefício dos ricos – perpetuando assim as condições que alimentam o desejo de violências sacrificial.

Se, de fato, Girard está correto ao afirmar que a violência sacrificial é sempre dirigida contra aqueles que podem ser "expostos à violência sem medo de represálias", então é lógico que a retribuição é a única maneira de mantê-la sob controle depois que ela é desencadeada.

Opor-se à retribuição e aceitar a violência sacrificial em seu lugar não é um meio de evitar o derramamento de sangue; é simplesmente um meio de garantir que o derramamento de sangue não ameace a ordem social. Hoje, a grande maioria de nós chega mais perto de estar entre aqueles que podem ser mortos "sem medo de represálias" do que de se tornar executivos cujas mortes serão lamentadas na mídia nacional - e quanto menos agirmos em solidariedade uns com os outros, mais isso será verdade. Se não quisermos correr o risco de um dia estarmos sujeitos à violência sacrificial, devemos nos tornar capazes de forjar uma causa comum com aqueles que estão em situação pior do que a nossa para nos defendermos daqueles que procuram nos explorar e oprimir.

---

[6] Há uma longa tradição, que remonta à *Oresteia de Ésquilo*, de obras de filosofia e literatura que afirmam que o poder do estado e o sistema judicial centralizado que o acompanha foram inventados para pôr fim ao ciclo de violência que Girard afirma ser o resultado inevitável da busca por retribuição. Na tradição islandesa, a obra equivalente é provavelmente a *Njáls Saga*, que narra rixas de sangue e resolução de conflitos ao longo de meio século, antes de a Islândia ter um governo centralizado. No entanto, o governo centralizado do estado se estabeleceu na Islândia muito mais tarde do que na Grécia antiga, portanto, podemos comparar o mito apresentado na *Oresteia* com a realidade da história islandesa. Na verdade, o governo centralizado não surgiu espontaneamente na Islândia como um meio de resolver conflitos; em vez disso, quando os conflitos entre várias partes locais se tornaram irresolúveis, o rei da Noruega conseguiu aproveitar a oportunidade para colocar a Islândia sob seu controle e impor seu domínio sobre ela. Se esse exemplo for uma evidência, a realidade é exatamente o oposto do mito: aqueles que não conseguem resolver conflitos entre si acabarão sendo subordinados ao estado, que é o *resultado* de um conflito não resolvido que se transformou em uma condição permanente, e não a *solução* para um conflito não resolvido.

Na ausência de modelos coletivos eficazes para autodefesa e mudança social, a retribuição paira no imaginário popular como a única maneira restante de se posicionar contra a injustiça.

A violência sacrificial corrompe e rebaixa todos os que dela extraem algum alívio; em contraste, a retribuição pelo menos expressa um anseio desesperado por um mundo sem injustiça. Como o próprio Girard admite,

> *É precisamente porque detestam a violência que os homens fazem da vingança um dever.*

PARA ALÉM DO MARTÍRIO

Na iconografia da violência sacrificial e da retribuição, o bode expiatório e o mártir são arquétipos gêmeos. O primeiro é sacrificado para estabilizar a ordem existente, enquanto o segundo serve para santificar uma nova ordem, dando sua vida por ela. Esses arquétipos são milenares; sua influência sobre nós é mais profunda do que compreendemos.

É claro que a maioria das pessoas se sente atraída pelo martírio apenas como um fenômeno para espectadores. Os sacrifícios dos mártires geralmente se mostram mais proveitosos para aqueles que não têm intenção de arriscar suas próprias vidas por qualquer causa. A reação popular ao fuzilamento contra o CEO da UnitedHealthcare mostra como milhões de pessoas estão desiludidas com o capitalismo e seus beneficiários, mas essa reação também é um sintoma de desespero e desmobilização generalizados. O tiroteio despertou tamanha efusão de frustrações reprimidas exatamente porque essas pessoas não conseguiram descobrir o que elas mesmas podem fazer para acabar com a injustiça e a exploração.

Cabe a nós mostrar que há maneiras de resistir à injustiça e à exploração que não terminam em martírio. Se não popularizarmos modelos coletivos para promover mudanças sociais, se deixarmos as pessoas escolherem entre a passividade e o martírio, a grande maioria escolherá a passividade.

Aqueles que não aprovam nem a violências sacrificial nem a retribuição devem apresentar uma alternativa eficaz. Argumentar contra a retribuição sem fazer nada para mudar as condições que a provocam só pode preparar o terreno para que ocorra ainda mais violência sacrificial em seu lugar.

Não se engane, à medida que as crises econômicas e ecológicas se intensificam, veremos cada vez mais violência sacrificial - e mais figuras públicas passarão a considerá-la necessária, mesmo que não ousem chamá-la por esse nome. A retórica violenta de Trump não é um excesso temporário; é apenas a manifestação mais visível de um mecanismo que já reassumiu o papel essencial que desempenha na estabilização da ordem social durante todas as épocas de instabilidade.[7]

Como anarquistas, a economia espiritual da culpa e da punição que sustenta a estrutura da retribuição nos é estranha. Calcular a culpabilidade e distribuir o sofrimento é o trabalho do estado, de seu judiciário e de seu Deus; nós temos outras ambições. Não desejamos que a punição dos culpados seja um fim em si mesmo - buscamos acabar com os meios pelos quais eles oprimem. Deixaríamos de lado a realização de qualquer vingança se pudéssemos, com isso, levar à abolição do capitalismo, mesmo que isso significasse permitir que todo ex-bilionário saísse em liberdade. Não buscamos incitar os outros a se tornarem mártires em nosso nome. Aspiramos a modelar o tipo de coragem, humildade e cuidado que esperamos que os outros expressem ao nosso lado para que, juntos, possamos mudar o mundo.

Mas até que consigamos, haverá violência sacrificial - retribuição.

---

[7] Para suprir o público americano com violência sacrificial, a geração anterior de políticos republicanos invadiu repetidamente o Iraque. Essa era uma época mais gentil e suave, quando as vítimas sacrificiais eram procuradas principalmente fora das fronteiras dos Estados Unidos. Assim como a guerra atual contra os indocumentados, essas invasões foram justificadas com pretextos visivelmente falsos e alarmismo. O resultado foi uma espécie de bebedeira da qual os políticos de ambos os partidos saíram arrependidos, tendo desestabilizado completamente o Oriente Médio e tornado o mundo um lugar consideravelmente mais perigoso.

Grafite visto em Seattle, Washington

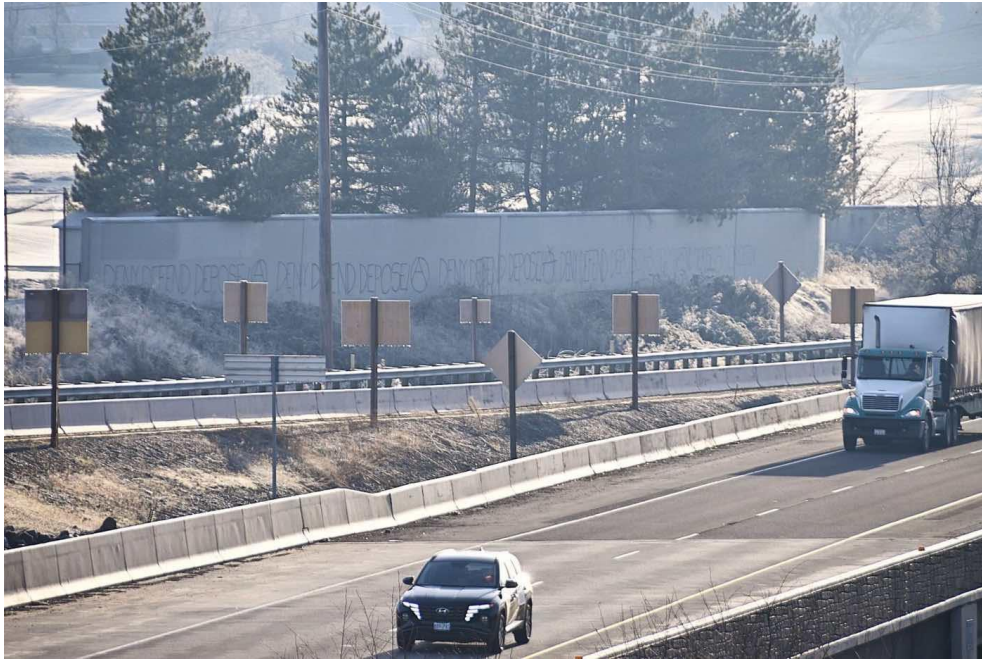
De acordo com uma pesquisa, mais de 40% dos jovens entrevistados consideraram o assassinato de Thompson “aceitável”. Fotografias de grafite, faixas e murais expressando apoio a Luigi Mangione, a pessoa que está sendo acusada pelo assassinato do CEO, tornaram-se virais e geraram manchetes. O Comitê Jurídico do dia 4 de dezembro está ajudando a realizar uma campanha

de arrecadação de fundos em apoio à defesa legal de Mangione; entrevistas com os porta-vozes Sam Beard e Jamie Peck foram apresentadas em meios de comunicação como a CNN, gerando centenas de comentários de apoio. Até o momento em que este artigo foi escrito, a campanha de arrecadação de fundos on-line já arrecadou mais de US$186.000.

Segue um resumo incompleto de grafites, pôsteres, entrevistas na mídia corporativa e manifestações que abordam o tiroteio de Brian Thompson ou expressam apoio a Luigi Mangione, a pessoa acusada de tê-lo realizado. https://www.youtube-nocookie.com/embed/X3rdcEx2_WI

APÊNDICE

Noroeste do Pacifico

Um lambe visto em Portland, Oregon

Grafite em uma rodovia em Medford, OR

California

- Uma faixa foi vista em Turlock, California
- Duas faixas apareceram na ponte em São Francisco, California
- Grafite visto em Riverside, California
- Outdoor redecorado em Inland Empire, California
- Grafite visto em Hollywood, California
- Grafite visto em San Diego, California

Grafite em trem de carga fotografado na Bay Area.

Sudeste

- Grafite visto em Las Vegas, Nevada
- Grafite visto em Ticson, Arizona

Centro

- Stencil visto em Austin, Texas
- Também em Austin, em 21 de dezembro, várias pessoas participaram de uma manifestação e panfletaram o seguinte comunicado:
  Hoje, seus Luigis levaram alguns banners para uma ponte de pedestres muito movimentada no centro de Austin e dançaram ao som da música tema do Mario. Os pedestres aplaudiram, escreveram cartas para Luigi e até tiraram fotos com as faixas. As cartas incluíam desde histórias comoventes sobre familiares que tiveram o atendimento médico negado até cartas de amor. A recepção geral foi extremamente boa. Foram distribuídos panfletos que chamavam a atenção para a maior

empresa de plano de saúde do Texas, a Blue Cross Blue Shield. Eles diziam:

"Em 4 de dezembro, o CEO da UnitedHealthcare, Brian Thompson, foi morto a tiros. As cápsulas das balas contaram a história: esse foi um ato de vingança contra a UnitedHealthCare, que nega mais de 30% dos pedidos de seguro saúde - uma empresa emblemática de um sistema que mata. Todos os anos, mais de 50.000 americanos morrem por falta de cobertura. 38% de nós evitam os cuidados necessários porque têm medo do custo. Um em cada doze está se afogando em dívidas médicas. Empresas de plano de saúde não são médicos. Elas não curam - elas lucram ao restringir o acesso ao atendimento. Enquanto racionamos medicamentos, adiamos consultas e nos preocupamos com as contas, elas arrecadam bilhões. Nós ficamos mais doentes e eles ficam mais ricos. Essa violência não aparece no noticiário. Está enterrada sob seu marketing, sua interminável papelada, suas letras miúdas. Mas não se engane: isso é violência. E eles estão rindo até o fim. A Blue Cross Blue Shield, a maior seguradora do Texas, nega um em cada cinco pedidos de indenização e embolsa US$ 18 bilhões em receita. Quer a morte de Thompson tenha lhe causado alegria ou horror, ela arrancou a máscara. A verdade foi revelada: essas empresas são cúmplices de um sofrimento generalizado. Pense na última vez que você ou alguém que você ama se preocupou com uma conta médica. Adiou o tratamento por causa do custo. Cortou comprimidos pela metade para fazê-los durar. Você sentiu a violência que eles infligem. Agora, a mídia e o governo se esforçam para distorcer a narrativa, chamando Briana Boston, mãe de família da classe trabalhadora, de "terrorista" por ter dito "Deny, Defender, Depor" quando suas reivindicações foram negadas. Precisamos manter a lucidez: um pequeno grupo enriquece às custas de nossa doença. A solução é igualmente simples: abolir essas corporações e nacionalizar o seguro de saúde. O sistema de saúde com pagamento único funciona em todos os lugares do mundo desenvolvido, onde as pessoas têm uma vida mais longa e saudável. Os texanos, por outro lado, morrem três anos mais jovens, vítimas do sistema de saúde privado. A única pergunta que resta é a seguinte: Quando vamos parar de esperar e tomar o que é nosso?"

Austin, 21 de Dezembro

Centro-Oeste

- Grafite visto em Chicago, Illinois
- Mais grafite visto em Chicago, Illinois
- Um banner exposto em Chicago, Illinois
- Grafite visto em Fayetteville, Arkansas

Grafite visto em Chicago, Illinois

Adicionalmente, ocorreu um ato em Indianápolis, Indiana. De um relato:

"Hoje, protestamos contra a Elevance Health não em seu papel como um agente distinto no mercado de planos de saúde, um agente único na sala de espelhos do capitalismo contemporâneo. A Elevance opera exatamente da mesma forma que a UHC, na maneira como classifica os corpos e julga que alguns são dignos de cuidados e os demais simplesmente não valem o tempo ou o esforço. Dessa forma, a única diferença entre os dois é uma questão de graus em subdomínios. Acreditamos que é necessário se opor a esse sistema de classificação ampla das expectativas de vida em uma época de depreciação das expectativas de vida. Isso é necessário como pré-condição para uma vida digna de ser vivida. Acreditamos que todos são dignos de

cuidados. Acreditamos que todos merecem ter acesso a uma vida saudável de acordo com seus próprios padrões. Tanto a Elevance quanto a UHC são barreiras a essa possibilidade. É por isso que nos opomos a elas.”

Grafite visto em Fayetteville, Arkansas

Sudoeste

- Grafite visto em Chattanooga, Tennessee
- Grafite visto em Richmond, Virgínia
- Adesivo visto em São Petesburgo, Florida
- Cartaz fotografado em Atlanta, Georgia

Noroeste

- Postes apareceram em Pittsburgh, Pensilvânia
- Grafite apareceu em Philadelphia, Pensilvânia
- Cartaz em Vermont

- Grafite em Baltimore, Maryland
- Vários grafites em Nova Iorque, assim como cartazes escrito "CEO Procurado". Uma demonstração de áudio também ocorreu do lado de fora do Ziegfeld Ballroom. Uma pessoa participante disse,
- *"Vocês sabem que o tema do evento desta noite são os loucos anos 20. Nos loucos anos 20, havia muita riqueza e desigualdade, assim como agora. Portanto, enquanto eles estão bebendo champanhe e pensando em glamour, nós estamos pensando nas pessoas que amamos, que são pobres, que estão doentes e que não podem pagar pelo atendimento médico."*

Arte em Santiago, Chile